

- _____. *Le mal: Un défi à la philosophie et à la théologie*. Gênova: Labor et Fides, 1986.
- _____. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora UNICAMP, 2007.
- _____. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. *O mal: um desafio à filosofia e a teologia*. Campinas: Papirus, 1988.
- _____. *O si-mesmo como um outro*. Campinas, São Paulo: PAPIRUS, 1991.
- _____. O perdão pode curar? Tradução: José Rosa. *Revista Viragem*, n. 21, 1996. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/paul_ri-coeur_o_perdao_pode_curar.pdf>. Acesso em: 20 de dez. 2014.
- _____. *O justo 1: a justiça como regra moral e como instituição*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

Recebido em: 10/06/2016

Aprovado em: 22/09/2016

A Igreja herdada pelo Papa Francisco, um estudo histórico

The Church inherited by Pope Francis, a historical study

Ney de Souza*

Resumo: Este artigo apresenta um quadro analítico de aspectos do Concílio Vaticano II e seu desdobramento até a eleição do Papa Francisco em 2013. O objetivo é oferecer um estudo sobre a eclesiologia conciliar e a eclesiologia herdada por Francisco. O texto busca através de fontes elucidar uma questão básica para o desenvolvimento deste pontificado: a eclesiologia da atualidade é desdobramento do Vaticano II ou o percurso foi de obstáculos para sua concretização? A crise institucional católica necessita de urgentes reformas como é uma constância no pensamento de Francisco?

Palavras-chave: Francisco, Eclesiologia; Papa; História.

Abstract: This paper presents an analytical framework aspects of Vatican II and its impact to the Pope Francisco election in 2013. The goal is to provide a study of the conciliar ecclesiology and ecclesiology inherited by Francisco. The text search through sources elucidate a basic issue for the development of this pontificate: today's ecclesiology is the offshoot of the Vatican or the route has obstacles to

* Parte deste texto foi apresentado na Semana Teológica do Instituto Teológico Pio XI – UNISAL, 2014.

Pós-doutorado em Teologia na PUC RJ. Doutor em História eclesiástica pela Gregoriana, Roma e registro na USP. Líder do grupo de pesquisa no CNPq Religião e política no Brasil contemporâneo. Professor na graduação e pós-graduação na PUC SP.

its implementation? The Catholic institutional crisis needs urgent reform as a constancy in the thought of Francis?

Keywords: Francis; Ecclesiology; Pope; History.

Introdução

A destruição do passado é um dos fenômenos mais característicos do século XX. Quase todos os jovens crescem numa espécie de presente contínuo. Sem qualquer relação orgânica com o passado. Por isso, os historiadores têm por ofício lembrar o que os outros esquecem¹ ou não querem lembrar. A perda da memória é um evento escravizador. É por isso mesmo que a mais antiga tradição filosófica do ocidente afirma que o destino da humanidade depende da sua capacidade e vontade de recuperar memórias perdidas. O intento aqui é exatamente este: lembrar o evento para não esquecê-lo na construção do presente em vistas do futuro. .

A reflexão histórica que será apresentada neste artigo não se enquadra numa visão otimista e harmonizadora nem tampouco numa interpretação pautada pelo denunciamento regado a ódio. A trajetória da instituição eclesial não é linear, daí a necessidade de referenciais teóricos para contribuir com a análise sobre a mesma instituição. Numa linguagem religiosa, a intenção é separar o joio do trigo.

O contexto histórico herdado pelo Papa Francisco, objeto deste artigo, é aquele do pós-Concílio Vaticano II (1962-1965). Para atingir este objetivo se apresentará um breve panorama do início do pontificado de João XXIII (1958-1963), a preparação e o evento conciliar. No segundo item se estudará os desafios e as tarefas do período pós-conciliar. Em seguida, um momento de grande surpresa na

Igreja contemporânea, a renúncia do papa Bento XVI. Este contexto conjuntural é a herança recebida pelo papa Francisco. Contexto de crise e com uma enorme necessidade de profundas reformas nos mais diversos aspectos.

1. Vaticano II, um concílio de transição

O papa João queria um Concílio de transição de épocas, um Concílio que fizesse a Igreja da época pós-tridentina e, de certa forma, da plurissecular fase constantiniana para uma fase de testemunho e anúncio, recuperando os elementos fortes e permanentes da Tradição, estimados capazes de alimentar e garantir a fidelidade evangélica de transição tão árdua.²

Em outubro de 1958 faleceu o papa Pio XII, depois de uma longa enfermidade. O conclave, que se reuniu no mesmo mês elegeu o patriarca de Veneza, Cardeal Ângelo Giuseppe Roncalli. O novo papa adotou o nome de João XXIII (1958-1963). Sua eleição foi recebida com grande surpresa. Era para o grande público um desconhecido. Sua eleição parecia ser mais uma daquelas de simples transição, o cardeal era idoso, 77 anos. Não havia se destacado nos outros encargos, como núncio na Bulgária e na França, nem em outro campo eclesial. Havia certa decepção com o nome anunciado depois da eleição. Podia-se esperar dele, neste contexto, a abertura e compreensão das necessidades do mundo moderno? Até fisicamente diferenciava-se do seu antecessor, pois era de corporalidade volumosa e pequena estatura. Neste mesmo ano, 1958, entrava no noviciado da Companhia de Jesus, em Córdoba na Argentina, o jovem Jorge Mario Bergoglio, futuro papa Francisco.³

Logo vieram as surpresas, não só pela sua “jovialidade” e simpatia do novo papa, muito diferente de Pio XII, mas por seu projeto:

¹ HOBBSBAWN, E. *A Era dos Extremos*. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 13.

² ALBERIGO, G. *História do Concílio Vaticano II*. Vol. I, Petrópolis: Vozes, 1996, p. 57.

³ PIQUÉ, E. *Papa Francisco vida e revolução*. São Paulo: Leya, 2014, p. 53.

convocar um concílio. Três meses depois de ocupar a Cátedra de São Pedro, em janeiro de 1959, após uma oração pela unidade de todos os Cristãos, na Basílica São Paulo fora dos Muros, revelou sua intenção de iniciar durante o seu pontificado uma ampla reforma da Igreja, através de um Concílio Ecumênico.⁴

A consulta preliminar

Depois do inesperado anúncio do Concílio, o papa João XXIII enfrentou os problemas iniciais no que se refere à preparação do mesmo.⁵ Em diversas ocasiões João XXIII afirmou que a ideia de um Concílio nascia de uma inspiração do Espírito Santo.⁶ Depois de cinco dias de eleito o Papa havia comunicado a ideia ao cardeal Rufini.⁷ Este que já havia tratado sobre este assunto durante o conclave que elegeu João XXIII, com o cardeal Ottaviani. O cardeal secretário de Estado, Domenico Tardini,⁸ depois de sua audiência com o papa em 20 de janeiro de 1959, resumia o conteúdo deste encontro: João XXIII estava pensando em inserir três metas em seu pontificado: 1) um sínodo romano, 2) um *aggiornamento* do código

de direito canônico, 3) um concílio ecumênico.⁹ Estas metas foram anunciadas aos 17 cardeais presentes no domingo 25 de janeiro de 1959, na sacristia da Basílica de São Paulo fora dos muros, em Roma.¹⁰ O cardeal Tardini, posteriormente explicará a jornalistas e estrangeiros o futuro concílio.

Num clima repleto de espera e esperança, mas também de perplexidade e incertezas, seja na Igreja latina, seja no mundo cristão¹¹ e, em geral, na opinião pública. O perito do Concílio, frade dominicano, brasileiro Romeu Dale faz uma interessante análise da Igreja do período pré-conciliar.¹² Após o anúncio realizado os cardeais reagiram com um impressionante e devoto silêncio. Os demais cardeais, 57, receberam estas informações através do Secretário de Estado, apenas 1/3 reagiu ao discurso.¹³ Cardeais como Lercaro (Bologna) e Montini (Milão), futuro Paulo VI, ficaram bastante desconcertados.¹⁴ Lercaro afirmou que era uma imprudência e inexperiência a convocação de um Concílio. Montini, num primeiro momento havia dito que o papa estava colocando a mão num vespeiro. Num segundo momento comunicou aos seus diocesanos que este era um grande acontecimento que poderia trazer muitos frutos.

Elaborou-se uma proposta de constituir uma *comissão* com uma secretaria que, antes de tudo, enviasse um questionário para

⁴ SOUZA, N. Vaticano II, preparação e discussões antes da abertura do concílio. In: ABREU, E. H.; SOUZA, N. (orgs.). *Concílio Vaticano II, memória e esperança para os tempos atuais*. São Paulo: Paulinas-Unisal, 2014, p. 69-82.

⁵ ALBERIGO, Giuseppe (org.). *Historia do Concílio Vaticano II (1959-1965). O catolicismo rumo à nova era. O anúncio e a preparação do Vaticano II (janeiro de 1959 a outubro de 1962)*. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1995.

⁶ Cf. Discurso do dia 9 de agosto de 1959 no *Osservatore Romano* de 10-11 de agosto de 1959; Giovanni XXIII. *Giornale dell'anima*. Organizado por Loris F. Capovilla, Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1964, pp. 330-331. Sobre o interesse anterior de João XXIII em convocar um Concílio, confira: FOGLIASSO, Emilio. *Il Concílio ecumênico Vaticano II nella vita Del Santo Padre Giovanni XXIII*. Roma: Libreria Ate-neo Salesiano, 1962; ALBERIGO, Giuseppe. L'ispirazione di un Concílio ecumênico: le esperienze del cardinale Roncalli. In: *Atti del colloquio École Française di Roma. Le deuxième concile du Vatican (1959-1965)*. Roma: Ecole française de Rome, 1989; Paris: Diffusion de Boccard, 1989, pp. 81-99.

⁷ *Acta et documenta Concilio Oecumenico Vaticano II apparando, Series I, Antepreparatoria*. Cura et studio: Secretariae Pontificae Commissionis Centralis Praeparatoriae Vaticani II. Città del Vaticano 1960-1961, I, p. 124.

⁸ O II Concílio ecumênico Vaticano. *REB* 20 fasc. 1 (1960) 94-96.

⁹ NICOLINI, Giulio. *Il Cardinale D. Tardini*. Padova: Messaggero, 1980, p. 187.

¹⁰ Acta Apostolicae Sedis (AAS) LI (1959), pp. 65-69. Uma análise sobre este discurso: MELLONI, Alberto. Questa festiva ricorrenza (25 gennaio 1959). Prodomi e preparazioni del discorso di annuncio del Vaticano II. *Rivista di storia e letteratura religiosa* XXVIII (1992) 607-643.

¹¹ BOYER, Charles. O próximo concílio ecumênico, os ortodoxos e os protestantes. *REB* 20 (1960) 648-656. Este texto foi publicado na *Documentation Catholique* n. 1329 (05.06.1960).

¹² DALE, Romeu. A Igreja católica às vésperas do Concílio. *REB* 21 (1961) 593-600. Análise importante sobre o laicato no período: KOSER, Constantino. A situação do laicato nos albores do Vaticano II. *REB* 22 (1962) 886-904.

¹³ *Acta et documenta, Series I*, pp. 109-149.

¹⁴ Cf. DREYFUS, Paul. *Jean XXIII*. Paris, 1979, p. 205. FAPPANI, Antonio; MOLINARI, Franco. *G. B. Montini giovane*. Torino: Marietti, 1979, p. 171. MONTINI, Giovanni Battista. Discorsi scritti sul Concílio 1959-1963. *Quaderni dell'Istituto Paolo VI* 3 (1983) 15-16.

a consulta dos bispos.¹⁵ No início se pensou em elencar uma série de perguntas, mas depois se deixou plena liberdade para o envio de sugestões. O risco da dispersão foi compensado pela vantagem de se conhecer o pensamento dos futuros padres conciliares. Sua finalidade poderia ser constatada em algumas partes específicas que foram elencadas: relações com os irmãos separados, o apostolado sacerdotal, as missões, os problemas de ordem moral e a doutrina social da Igreja.

Uma primeira hipótese de trabalho fixava como membros das comissões os secretários e assessores da Cúria Romana. A presidência das comissões¹⁶ foi confiada ao secretário do *Santo Ofício*, cardeal Alfredo Ottaviani.

Com o quadro anterior, a centralização ficava nas mãos do Santo Ofício, o que já havia sido constatado com uma sondagem do papa Pio XII em vistas de uma possível convocação conciliar.¹⁷ João XXIII, por sua vez, decidiu de outra maneira, confiou à presidência das comissões ao secretário de Estado, Domenico Tardini e o secretário foi Mons. Pericle Felice, prelado da Sacra Romana Rota. Interessante é o fato narrado pelo cardeal Confaloniere. Quando João XXIII anunciou aos cardeais seu desejo de convocar um concílio, na Basílica São Paulo, o cardeal Canali lhe perguntou se a presidência das comissões seria do Santo Ofício. O Papa respondeu: “O presidente do Concílio é o papa”.¹⁸

Em seguida à nomeação, foram elencadas as suas tarefas: recolher as propostas do episcopado, dos dicastérios da Santa Sé, das faculdades de teologia e direito canônico, traçar as linhas gerais dos

argumentos a serem tratados no Concílio, sugerir a composição dos diversos organismos destinados a cuidar da preparação dos trabalhos.¹⁹

A primeira iniciativa da comissão foi de redigir um questionário e enviar às pessoas e entidades acima mencionadas para que pudessem comunicar sua opinião. O documento constava de cinco parágrafos e os títulos revelavam como era o desejo para a futura assembleia.

As respostas à consulta foram chegando, muitas com grande atraso. Foram 2109 respostas. Eram 2594 bispos, 62 faculdades e 156 superiores de ordens e institutos religiosos, todos incluídos na consulta. O material era vasto e de extrema variedade. A comissão ante preparatória o recolheu em volumes e o sintetizou em fichas, foram 8972, publicadas no *Analyticus conspectus consiliorum et votorum quae ab episcopis et praelatis data sunt*.²⁰ O II volume esta dividido em 8 partes, nas 7 primeiras partes estão as respostas dos bispos das diversas partes do mundo e, na oitava, as respostas dos superiores gerais dos religiosos; o III volume contém *Proposita et monita Sacrarum Congregationum Curiae Romanae*; O IV volume contém *Studia et vota Universitatum et Facultatum Ecclesiasticarum et Catholicarum*, com uma primeira parte, dividida em dois tomos, relativa às Universidades e Faculdades romanas e, na segunda parte reservada ao restante do mundo. Em dois apêndices do II volume foi publicado o *Analyticus conspectus*. Como toda tentativa de sintetizar grande quantidade de materiais é sempre parcial, se deve utilizar este último com cautela.

A quantidade de textos²¹ trouxe à luz o pensamento dominante na Igreja pré-conciliar. A insistência sobre problemas canônicos e administrativos, a preocupação com a salvaguarda da doutrina tradicional. Com a fragmentariedade das propostas é impossível

¹⁵ *L'Osservatore Romano* 6 de marzo 1966, p. 21.

¹⁶ FOUILLOUX, Étienne. *Théologiens romains et Vatican II (1959-1962)*. *Cristianesimo nella storia* 15 (1994) 373-394.

¹⁷ CAPRILE, Giovanni. Pio XII e un nuovo progetto di concilio ecumenico. *La Civiltà Cattolica* 177 (1966/3) 209-227.

¹⁸ *Acta et Documenta, Series I*, vol. I, 22-23. Confirma ainda: Vincenzo, Carbone. *Il Concilio Vaticano II: preparazione della Chiesa al terzo millennio*. Città del Vaticano: L'Osservatore Romano, 1998, p. 17; CONFALONIERE, V. *Momenti romani*. Roma, 1979, p. 86; ALBERIGO, Giuseppe. *Storia dei concili ecumenici*, p. 402; MINNERATH, Roland. *Histoire des Conciles*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996, p. 103.

¹⁹ *Acta et Documenta, Series I*, pp. 22-23.

²⁰ Se trata da *Acta et documenta Concilio Oecumenico Vaticano II apparando. Serie I (Antepreparatoria)* editada nos anos 1960-1961: Le conspectus manquait substantiellement de precision et de fiabilité, dès lors qu'on verifiait sés données avec lês réponses individuelles. *Revue d'Histoire de l'Église de France* 76 (1990) 91.

²¹ LABOA, Juan María. Los obispos españoles ante el Vaticano II. *Miscellanea Comillas* 44 (1986) 45-68; BELAIT, M. Christianity and Churches on the eve of Vatican II. *Cristianesimo nella Storia* 12 (1991) 165-175.

apresentar um conjunto único.²² O Cardeal Suenens, um dos protagonistas do Concílio, afirmava de maneira severa que a impressão que se dava, folheando estes textos era que as esperanças de reforma giravam somente ao redor da ordem canônica e litúrgica e que o vento inovador de Pentecostes não era sentido ali.²³ Por outro lado, aparecem sugestões bastante oportunas: a reforma da Cúria Romana, proveniente de diversas partes; as notas eclesiológicas, de maneira especial sobre a colegialidade episcopal, as sugestões dos bispos da América do Norte para se tratar o tema da liberdade de consciência, a solicitude ecumênica dos bispos orientais e alguma abertura no campo do *aggiornamento* da Igreja.²⁴ Importante a sugestão do bispo brasileiro Helder Câmara: tratar a questão social.

O grande evento conciliar²⁵

Em 11 de outubro de 1962, João XXIII abriu a primeira sessão do Concílio, na Basílica de São Pedro. O texto de abertura²⁶ do Vaticano II é de fundamental importância, e exerceu profunda influência na redação de todos os documentos conciliares. Este foi o grande evento da Igreja católica no século XX. Evento não é simplesmente uma ocorrência, mas um acontecimento digno de nota.

Três pontos devem ser destacados. Em primeiro lugar o papa dirige-se aos profetas que anunciam apenas desgraças, não sem machucar nossos ouvidos, vendo no mundo moderno somente declínio

e catástrofes, comportando-se como se não aprendessem nada da história.

Em segundo lugar, o ponto central do Concílio. Não será somente uma discussão de um ou outro artigo da doutrina fundamental da Igreja, repetindo e proclamando o ensino dos padres e dos teólogos antigos e modernos, pois se supõe que isso já seja bem presente e familiar. Para isso, não haveria necessidade de um Concílio. Trata-se de uma renovada, serena e tranquila adesão a todo o ensino da Igreja, na sua integralidade, como brilha nos atos conciliares, desde Trento até o Vaticano I (1869-1870). O espírito cristão, católico e apostólico do mundo inteiro espera um progresso na compreensão doutrinal e na formação das consciências, em correspondências mais perfeita com a doutrina autêntica; espera também que a doutrina seja estudada e exposta por meio de formas de indagação e formulação literária de acordo com o pensamento moderno. Uma é a substância da antiga doutrina do *depositum fidei*, e outra é a formulação que a reveste: e é disso que se deve ter grande conta, medindo tudo nas formas e proporções do magistério prevalentemente pastoral.

Em terceiro lugar, a Igreja sempre se opôs aos erros; muitas vezes até condenou com maior severidade. A Igreja, porém, levando por meio do Concílio o facho da verdade religiosa, deseja mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia com seus filhos dela separados.

O Vaticano II chegou ao seu fim com dezesseis constituições, decretos e declarações.²⁷ Há um consenso de que a constituição dogmática *Lumen Gentium* e a constituição pastoral *Gaudium et spes* sejam o eixo do Concílio.

Na primeira a Igreja procurou conhecer-se melhor, para renovar-se no espírito da sua origem e da sua missão. Se a Igreja pretende ter um futuro no terceiro milênio, faz-se necessário deixar

²² MARTINA, G. Il contesto storico in cui è nata l'idea di un nuovo concilio ecumenico. In: LATOURELLE, René. *Vaticano II: bilancio e prospettive venticinque anni dopo (1962-1987)*. Assisi: Cittadella, 1987, p. 29.

²³ Suenens, Léon Joseph. *Ricordi e speranze*. Cinisello Balsamo: Paoline, 1993, p. 65.

²⁴ JACOBS, J. Y. M. A. L'aggiornamento est mis en relief. Les vota des évêques néerlandais pour Vatican II. *Cristianesimo nella Storia* 12 (1991) 323-340; VAUCHEZ, André et alii. *Histoire du Christianisme: crises et renouveau (de 1958 à nos jours)*. Paris: Desclée, 2000.

²⁵ Para aprofundar: SOUZA, N. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATO, V. (orgs.). *Concílio Vaticano II. Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 17-67.

²⁶ *Enchiridium Vaticanum* 40-43.

²⁷ Para uma leitura dos textos conciliares: *Conciliourum Oecumenicorum Decreta*. Bologna: Dehoniana, 1991, pp. 802-113.

sua paixão pela Idade Média, enraizar-se em sua origem cristã e concentrar suas tarefas no presente. Na segunda constituição, a Igreja apresenta-se ao mundo expressando sua vontade de dialogar e contribuir para a construção de uma sociedade nova, baseada nos genuínos valores humanos e cristãos. É necessária uma religião de cunho transformador e libertador na vida concreta da humanidade, na sua existência social, no seu cotidiano.

A Igreja teve coragem de olhar para o seu passado, refletir e criar uma relação nova no presente. A continuidade do diálogo e de todos os frutos que ele gerou continua acontecendo.

O evento conciliar teve duas grandes personalidades à sua frente: João XXIII, que morreu após o primeiro período do Concílio, aos 82 anos, e Paulo VI (1963-1978), que o substituiu.²⁸ Montini (Paulo VI) tomou a sério sua grande tarefa de continuidade do Concílio, evidentemente com uma tônica diferente. Roncalli (João XXIII) era pastor e Montini era personagem da Cúria. Nesse sentido a análise do pós-Concílio merece uma reflexão sobre os avanços e os retrocessos dentro do próprio evento conciliar. Apesar das concessões sobre a reforma da liturgia, a renovação da Igreja católica e o diálogo ecumênico com as outras Igrejas Cristãs, desejado por João XXIII, o Concílio não teve um avanço, mas sim uma estabilidade. Historicamente era muito cedo, apesar da janela aberta, para perceber na prática cotidiana relações de transformações absolutas, abrindo a janela, portas, limpando o grande pó dos móveis e principalmente dos seus interiores. Já era um grande passo para o diálogo com a modernidade. Algumas vezes tornou-se, novamente, monólogo.

2. “Novidades”, desafios e tarefas no período pós-conciliar

A tarefa do Concílio Ecumênico não está definitivamente acabada com a promulgação dos decretos, porque esses decretos, como ensina a história dos Concílios, ao invés de serem ponto de chegada são ponto de partida para novos objetivos. É preciso ainda que o espírito e o sopro renovador do Concílio penetrem nas profundezas da vida da Igreja; urge que as sementes de vida depositadas pelo Concílio no solo da Igreja cheguem a sua plena maturidade.²⁹

Há um consenso na atualidade de que a marca mais profunda do Vaticano II é a renovação eclesiológica sob a presença do Espírito Santo.³⁰ A intenção conciliar é renovar a Igreja para convertê-la em um instrumento pastoral mais eficaz na sociedade contemporânea. Igreja renovada não porque foram mudados seus dogmas ou sua natureza, mas se resgatou sua imagem como mistério.

A Igreja se oferece como lugar do encontro entre a iniciativa divina e a obra humana. O concílio da Igreja restituiu à eclesiologia católica ao mesmo tempo, o frescor e a profundidade da relação com a Trindade e a consciência de um ser na história que não é mero ser da história.³¹

A eclesiologia deixa o âmbito do direito (*societas perfectas*), no qual havia nascido, para situar-se no âmbito da teologia (*communio*). O Concílio não funcionou como ponto de chegada, mas como ponto de partida de uma nova consciência de Igreja. Um verdadeiro canteiro de obras. O Vaticano II não fechou um período na história da Igreja, ao contrário, abriu um novo período.

Da Igreja pré-conciliar verticalista, que se movia no regime de cristandade, dificilmente poderiam surgir movimentos comunitários, dado que a Igreja se compreendia como sociedade desigual,

²⁹ PAULO VI. *Documentation catholique*. 1480 (1966) n. 1731.

³⁰ JOÃO PAULO II. *Dominum et vivificantem*. n. 26.

³¹ FORTE. B. *Igreja ícone da Trindade*. Breve eclesiologia. São Paulo: Loyola, 1987, p. 18.

²⁸ SOUZA, N.; GOMES, E. S. Os papas do Vaticano II e o diálogo com a sociedade contemporânea. In. *Teocomunicação* v. 41/1 (2014) p. 5-27.

na qual a hierarquia era a detentora da eclesialidade. O que surgiu foram grupos apostólicos cuja missão era ajudar a hierarquia na salvação das almas. Com o Vaticano II vai-se desenvolver um fenômeno comunitário na Igreja, que aparece de forma plural contendo em si comunidades mais aglutinadoras, movimentos, comunidades críticas e militantes como as CEB's na América Latina. As Comunidades Eclesiais de Base são uma concretização genuína e criativa da eclesiologia conciliar de comunhão. Nelas o crente deixa de ser um mero receptor da assistência religiosa e assume papel de cristão adulto, missionário numa Igreja que se entende Povo de Deus peregrina na história.

A preocupação com o diálogo deslocou os padres conciliares para fora de si próprios, mais atentos a comunicar os ensinamentos em linguagem acessível do que defini-las com rigor acadêmico. Em termos filosóficos, o Concílio caminhou entre duas águas, buscando uma síntese. Abandonou a ontologia abstrata e não embarcou no historicismo relativista. Tentou a instável síntese entre o universal e o particular.³² A novidade do Vaticano II foi dirigir-se a um novo sujeito eclesial, este tinha perguntas do sujeito tradicional. Perguntas à fé a partir de sua situação existencial.

Durante as discussões conciliares três vícios da eclesiologia clássica eram denunciados: triunfalismo, clericalismo, juridicismo, para assumir-se uma eclesiologia da humildade, do Povo de Deus e do Espírito.

Afirma João Batista Libânio³³ que no pós Concílio o canteiro de obras não conseguiu construir um novo edifício mas teve que conviver com pedaços de construções tridentinas. Em certos ambientes parece que o pensar e agir anterior ao Vaticano II está mais vivo que a originalidade que ele trouxe. Há um hibridismo de

traços conservadores com requisitos de pós-modernidade eletrônica, midiática. Por fora são expressões que beiram o barroco, mas por dentro é a pós-modernidade festiva, superficial mais estética do que teológica e ética. Portanto, os anos pós conciliares esbarram em tensões internas e externas. No lugar da implantação de um imaginário conciliar, coeso e unitário, predominam dois movimentos antagônicos. De um lado uma fragmentação subjetivista, relativista, que deixa ao indivíduo a escolha das formas religiosas desejadas num pluralismo esfuziante. De outro lado, um ritualismo exterior, estético, feito de visibilidades, unido ao retorno de autoritarismos, mas de cuja interioridade pairam dúvidas.

Devido à situação apresentada no parágrafo anterior,

Cada vez mais a Igreja institucional perde espaço e poder na sociedade, incapaz de deixar transparecer a atrativa mensagem evangélica, devido às suas expressões e práticas tradicionais. Aqui está a intuição de João XXIII, diálogo e atualização; sem o primeiro o segundo não se realiza. Para poder chegar a nossos contemporâneos, a Igreja deve ouvi-los, conhecer suas linguagens, seus problemas, seus anseios, suas alegrias e sofrimentos.³⁴

É evidente que 50 anos é pouco tempo para uma concretização efetiva do Vaticano II. No entanto, em diversos âmbitos foram dados alguns passos na dinamicidade de recepção do Concílio. Contudo, há ainda tarefas incompletas neste processo pós-conciliar. Emergências que o papa Francisco herda em seu pontificado. A seguir serão apresentadas algumas destas tarefas discutidas pelos teólogos João Batista Libânio³⁵ e Mario de França Miranda.³⁶ A Igreja não realizou a passagem total da Igreja de uma época para outra. Muitos pontos importantes ficaram presos a visões anteriores, pré-conciliares,

³⁴ MIRANDA, M. F. Uma Igreja em processo de renovação. Concílio Vaticano II: o legado e a tarefa. In: *REB* 286 (2012) 390-391.

³⁵ LIBÂNIO, J. B. *op. Cit.* 179-203.

³⁶ MIRANDA, M. F. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.

³² Cf. VAZ, H. Igreja reflexo vs. Igreja fonte. In: *Cadernos Brasileiros* 46 (1968) p. 17-22.

³³ LIBÂNIO, J. B. *Concílio Vaticano II*. Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005, p. 176-178.

pré-modernas. Daí uma série de tarefas não realizadas, fazendo do Vaticano II um concílio de transição.

O processo de transformação, iniciado pelo Vaticano II, está em pleno curso. Durante o pós Concílio já foram vivenciadas situações corajosas e medrosas no fazer a implantação e o avançar deste Concílio. Algumas vezes o que se viu foi um retrocesso na tentativa de reverter as conquistas conciliares.

O Vaticano II foi uma releitura do Evangelho á luz da cultura contemporânea. Produziu um movimento de renovação que vem simplesmente do próprio Evangelho. Os frutos são enormes. Basta recordar a liturgia. O trabalho da reforma litúrgica foi um serviço ao povo como releitura do Evangelho a partir de uma situação histórica concreta. Sim, existem linhas de hermenêutica de continuidade e de descontinuidade. Todavia, uma coisa é clara: a dinâmica de leitura do Evangelho no hoje, que é própria do Concílio é absolutamente irreversível.³⁷

O legado do Concílio é enorme e as tarefas também. A mídia quando cita a posição da Igreja, praticamente identifica-a com a voz de alguém do clero e nunca algum leigo representativo. O documento de Santo Domingo no seu número 97 afirma: *Que todos os leigos sejam protagonistas da nova evangelização, da promoção humana e da cultura cristã. É necessária a constante promoção do laicato, livre de todo clericalismo e sem redução do intra-ecclesial.* O presente e o futuro da Igreja dependerão da vitalidade da participação dos leigos. No que se refere ao ministério ordenado, além do aperfeiçoamento dos ministros em seus diversos aspectos, é um desafio para a imaginação teológica e canônica a criação de novos ministérios ordenados. O Código de Direito Canônico priva o laicato de seu papel na relação Igreja-mundo, de sua contribuição própria para fora e

para dentro da Igreja, e também em decorrência de certos limites impostos ao ministério hierárquico.³⁸

O teólogo jesuíta Libânio³⁹ cita duas outras grandes tarefas que apresentaram um desdobramento mínimo e, portanto, o caminho ainda é bastante longo. A primeira é o ecumenismo. Os especialistas nos assuntos ecumênicos vêm afirmando que ocorreram avanços, mas as instâncias de poder são temerosas. É necessário olhar para uma união perfeita ao longe e ir colocando as balizas de comunhão já no presente. A outra tarefa incompleta é relativa ao diálogo inter-religioso. A Comissão Teológica Internacional dedicou atenção a esta temática publicando um texto em 1987 sobre a fé e a inculturação. O texto contribui para a reflexão sobre as relações necessárias com as outras religiões. Não bastam somente eventos religiosos de cunho inter-religioso. É necessária uma dinâmica prática e que venha do coração para desdobrar os ensinamentos conciliares.

Uma outra questão fundamental é sobre o papel da mulher na instituição religiosa. Os campos da presença significativa das mulheres são inúmeros, não somente as religiosas, mas nas comunidades eclesiais nos mais variados serviços. Mas enquanto não se tocar na questão do poder o androcentrismo continuará persistindo na Igreja.

Aos que se dedicam ao trabalho e estudo das leis na Igreja cabe a difícil tarefa e quase impossível de dar corpo jurídico ao espírito do Vaticano II, sem asfixiá-lo nem impedi-lo de expandir-se.

A liberdade de pensar, escrever, debater colide facilmente com o zelo protetor das instâncias institucionais. Dialogo, paciência, compreensão de ambas as partes evitariam conflitos inúteis e desabonadores para a imagem pública da Igreja numa sociedade de saber livre. A liberdade de pesquisa teológica é fundamental na atualidade. Ao dialogar com outras ciências a teologia tem e terá muito a contribuir, porém não deve ter respostas prontas para tudo.

³⁷ Entrevista exclusiva do Papa Francisco ao pe. Antonio Spadaro, sj. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013, p. 26.

³⁸ MIRANDA, M. F. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 34.

³⁹ LIBÂNIO, J. B. *op.cit.* p. 190-191.

Aliás, *se alguém tem a resposta a todas as perguntas, esta é a prova de que Deus não está com ela*.⁴⁰ Na sociedade da construção do saber a Igreja não poder encerrar-se no castelo de verdades feitas e saberes intocáveis, mas precisa vir à praça pública da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Os exegetas e os teólogos ajudam a Igreja a amadurecer o próprio juízo. Também as outras ciências e a sua evolução ajudam a Igreja nesse crescimento na compreensão. Existem normas e preceitos eclesiais secundários que em outros tempos eram eficazes, mas que agora perderam valor ou significado. Uma visão da doutrina da Igreja como bloco monolítico a defender sem matizes é errada.⁴¹

Uma outra necessidade de suma importância é a relação entre Igreja universal e local. A Constituição *Lumen Gentium* apresenta uma inversão eclesiológica,⁴² uma valorização da universalidade realizada nas Igrejas locais. Ainda é necessária muita reflexão histórico-teológica para equacionar melhor uma tensão que vem desde o início do Cristianismo e que recrudescer a partir do II milênio. A Igreja universal não consiste na soma ou na confederação de Igrejas locais, que pudessem ser consideradas meras repartições administrativas da única Igreja universal.⁴³

As questões morais, matrimoniais e sexuais, não foram objeto de pronunciamentos no Vaticano II. Contudo, a biotecnologia já está levantando problemas gravíssimos para a ética no referente à manipulação da vida. No desdobramento do Concílio este assunto é de extrema urgência para ser debatido e dialogado com a ciência e a sociedade contemporânea.

Numa cultura secularizada, a linguagem da Igreja já não se faz compreensível para a maioria das pessoas. Exige-se um

esforço de aproximar-se de seu cotidiano e aí falar-lhes uma palavra significativa.

É que também um Concílio procura o coração do homem, o coração que, crendo, esperando e amando, cede e se entrega ao mistério de Deus. Não fora assim, o Concílio não passaria de uma horrível representação teatral e de uma autolatria do homem e da Igreja.⁴⁴

Em tempos de neoliberalismo nada é tão atual quanto elaborar ensinamentos sociais em situações sempre novas e aí anunciá-los profética e criticamente. O papa Francisco, preocupado com esta tarefa incompleta e em andamento, afirma que *o mandamento não matar põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim hoje devemos dizer 'não a economia da exclusão e da desigualdade social'*.⁴⁵ Ainda Francisco denuncia que *o ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora*.⁴⁶ Portanto, é uma declaração e, ao mesmo tempo, uma necessidade de atualizar o Vaticano II, valorizando a dignidade da pessoa e dizendo, sem medos, um enorme não à sacralização do mercado. Não a um dinheiro que governa ao invés de servir.

O que o papa Francisco está realizando foi um sonho de João XXIII, ou seja, que a Igreja saísse do Vaticano II bem próxima dos pobres, de modo que estes se sentissem em casa no seu seio, mas no acervo documental do Concílio os pobres se perdem. Os empobrecidos não podem sair da ótica de uma Igreja que segue as inspirações do Vaticano II. Este tema é evangelicamente sempre atual, embora muitas vezes foi silenciado na sociedade e mesmo no interior da Igreja em determinados setores eclesiásticos.

Estas são algumas tarefas e desafios para a Igreja católica na atualidade. Tarefas e desafios que não tiveram grandes

⁴⁰ Entrevista exclusiva do papa Francisco...p. 27.

⁴¹ Entrevista...p. 35.

⁴² LIBÂNIO, J. B. *Concílio Vaticano II...* p. 107-147.

⁴³ KASPER, W. *Teologia e Chiesa*. Brescia: Queriniana, 1989, p. 290.

⁴⁴ RAHNER, K. *Vaticano II: um avanço de renovação*. São Paulo: Herder, 1966, p. 45-47.

⁴⁵ PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium (EG)*. n. 53.

⁴⁶ EG. n. 53.

desdobramentos ao longo de 50 anos. Em alguns aspectos se avança e em muitos outros há um retrocesso. Essa é uma realidade que o papa Francisco herdou quando da sua eleição, mas ainda outro fato surpreendente, não inédito, foi a renúncia do papa Bento XVI.

3. Renúncia do papa Bento XVI

No dia 11 de fevereiro de 2013, na Cidade do Vaticano, na sala do Consistório, Bento XVI presidiu um consistório público para a canonização de beatos. Em seguida, continuou lendo uma breve declaração⁴⁷ em latim que levava a sua assinatura e a data do dia anterior, na qual anunciava sua decisão de renunciar ao pontificado por motivos de idade, comunicando que a Sé de Pedro ficaria vacante a partir das 20h do dia 28 de fevereiro. Esse texto tinha sido entregue aos tradutores da Secretaria de Estado somente ao amanhecer daquela segunda-feira, depois que estes juraram manter segredo.⁴⁸

O antigo prefeito da Congregação da Doutrina da Fé, teólogo de confiança no longo pontificado do papa João Paulo II (1978-2005) lê sua declaração de renúncia ao pontificado afirmando estar bem consciente de sua decisão e que esta é derivada de sua condição de saúde, assim se tornando incapaz de administrar bem o ministério petrino. A declaração consta de 22 linhas, linhas destinadas a mudar a história da Igreja. Sua renúncia é um grande gesto que se tornará revolucionário. Bento XVI trouxe o papado para os tempos modernos.

Diante desta decisão bombástica a pergunta é: o que aconteceu? Por que Ratzinger, antes de completar 86 anos, chegou a essa determinação, sabendo que provocaria uma hecatombe dentro e fora

da Igreja? Seu pontificado foi extremamente difícil.⁴⁹ Carregado de obstáculos. Ataques, crises, escândalos (pedofilia) e tensões no governo da Cúria romana, carreirismo, lutas internas.⁵⁰ Alguns projetos iniciados pelo papa foram paralisados, da 'reforma da reforma' da liturgia à relação com os lefebvrianos, passando pelo diálogo ecumênico.⁵¹ O caso Vatileaks,⁵² no último ano do pontificado, trouxe à tona uma complexa realidade, certamente não limitada somente à traição do mordomo Paolo Gabriele, como demonstraram os cardeais Julián Heranz, Josef Tomko e Salvatore De Giorgi, aos quais o papa Ratzinger havia encomendado a investigação interna. Estes cardeais produziram um dossiê que depois foi entregue somente ao papa Francisco.

A renúncia de Bento XVI é *muito mais do que um gesto pessoal e pontual...o gesto desmistificou a figura do papado e sinalizou o imperativo de outro perfil do primado...mais pastoral do que jurídico*. Além disso, a atitude do papa *expôs à luz do dia os porões da cúria romana, envolta em lutas de poder, corrupção e outros escândalos, organismo que tem sido o principal responsável pelo estancamento da renovação conciliar e pelo gradativo processo de involução eclesial nas últimas três décadas*.⁵³ Seu pontificado passará à história *como o momento de crise mais grave, na história da Igreja contemporânea, para a autoridade e a reputação da cúria romana: é um fato que se lê no quadro de cinquenta anos de 'revisões', ou seja de reformas frustradas*.⁵⁴

⁴⁹ ENGLISCH, A. *O homem que não queria ser papa*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

⁵⁰ POLITI, M. *Joseph Ratzinger: Crisi di un papato*. Roma/Bari: Laterza, 2011.

⁵¹ *Luz do mundo*. O papa, a Igreja e os sinais dos tempos. Uma conversa com Peter Seewald. São Paulo: Paulinas, 2011. Nesta entrevista Bento XVI responde a diversas questões importantes para a Igreja e sobre o seu pontificado, inclusive as mais delicadas e polêmicas.

⁵² NUZZI, G. *Sua Santità*. Le carte segrete di Benedetto XVI. Milano: Chiarelettere, 2012.

⁵³ BRIGHENTI, A. Perfil pastoral da Igreja que o Papa Francisco sonha. In: SILVA, J. M. (org.). *Papa Francisco*. Perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 13.

⁵⁴ FAGGIOLI, M. Reforma da cúria no Vaticano II e depois do Vaticano II. In: TANNER, N. et alii. *Reforma da cúria romana*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 38.

⁴⁷ <http://www.vatican.va/holyfatherbenedictxvi/speeches/2013/february/documents/hfben-xvispe20130211declaratioit.html>. Acesso: 21/11/2014, 21h30. Tradução em ENGLISCH, A. *O homem que não queria ser papa*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013, p. 553.

⁴⁸ TORNIELLI, A. *Francisco. A vida e as ideias do papa latino-americano*. São Paulo: Planeta, 2013, p. 24-41; ENGLISCH, A. *Francisco o papa dos humildes*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013, p. 63-95.

Considerações finais

Esta é a conjuntura em que o papa Bento XVI renúncia e, ao mesmo tempo, é o cenário de crise em que é eleito Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco. Sua eleição (2013) parece evocar aquela visão de oito séculos atrás: Vai Francisco, e restaura a minha Igreja em ruínas. Sua missão, outorgada pelos seus cardeais eleitores é a de *mudar a arranhada imagem da Igreja*. Afinal, a herança recebida é repleta de *escândalos sexuais e financeiros que se tornaram insuportáveis, além de uma acirrada luta por poder, problemas contra os quais Bento XVI se viu sem forças físicas e, possivelmente, psicológicas de enfrentar a contento*.⁵⁵

Certamente o Papa Francisco enfrentará dificuldades para o seu governo neste contexto de grave crise. Afinal, como afirma Hannah Arendt, o poder não é pensado como algo que pode ser imposto através da vontade de um único indivíduo, mas deve surgir entre pessoas que chegam a um consenso.⁵⁶ Esta atitude de um governo conciliar da colegialidade já se apresenta neste pontificado.

A esperança é que a espiritualidade inaciana leve o Papa Francisco, jesuíta, latino-americano a

... fomentar a presença e o respeito da Igreja pelo mundo das ciências, pelas outras religiões e culturas, pelas demais Igrejas cristãs, pelos marginalizados e esquecidos da sociedade, pelos que lutam pela sustentabilidade do planeta, pelos que contribuem para a paz e a justiça. Presença atuante não para dominar e exercer o poder, mas para conhecer, colaborar e cerrar fileiras com os que lutam pela mesma causa, pela humanidade querida por Deus. Cabe a cada um de nós ajudá-lo nesta ingente tarefa.⁵⁷

⁵⁵ SILVA, J. M. Apresentação. In: ID. *Papa Francisco*. Perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 7.

⁵⁶ ARENDT, H. *On Revolution*. New York: Viking Press, 1965, p. 181.

⁵⁷ MIRANDA, M. F. Francisco: papa e jesuíta. In: PASSOS, J. D.; SOARES, A. M. L. (orgs). *Francisco renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 144.

A Igreja herdada pelo Papa Francisco é uma evolução com ressalvas da eclesiologia apresentada no Vaticano II. A atualidade eclesial carece ainda de renovações tendo a guia do Vaticano II que indica as fontes da fé cristã como pressupostos para sua organização e ação no tempo presente. O percurso realizado no pós-Concílio apresentou tentativas de reavivar elementos pré-conciliares. Não é possível voltar ao passado, possível é trazer elementos do passado para o presente. O que resta a perguntar para a história é se esse tipo de comportamento é a melhor estratégia para dialogar com a sociedade contemporânea que é tão carente de ideias que coloquem no centro não estruturas sejam econômicas, políticas ou eclesialísticas, mas que optem pela dignidade da pessoa, seus direitos e busca, mesmo sem saber, pelo sagrado. Este é um desafio que o Papa Francisco entende bem, resta saber se os católicos e, especialmente, a estrutura institucional religiosa aceita como propósito de sua organização.

Fontes e bibliografia

Acta et documenta Concilio Oecumenico Vaticano II apparando, Series I, Antepreparatoria. Cura et studio: Secretariae Pontificae Commisionis Centralis Praeparatoriae Vaticani II. Città dela Vaticano 1960-1961, I.

Acta Apostolicae Sedis (AAS) LI (1959), pp. 65-69.

Conciliourum Oecumenicorum Decreta. Bologna: Dehoniana, 1991.

Entrevista exclusiva do Papa Francisco ao pe. Antonio Spadaro, sj. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

ALBERIGO, Giuseppe. L'ispirazione di un Concilio ecumênico: le esperienze del cardinale Roncalli. In: *Atti del colloquio École Française di Roma. Le deuxième concile du Vatican (1959-1965)*. Roma: Ecole française de Rome, 1989; Paris: Diffusion de Boccard, 1989, pp. 81-99.

ALBERIGO, Giuseppe (org.). *Historia do Concilio Vaticano II (1959-1965). O catolicismo rumo à nova era. O anúncio e a preparação do Vaticano II (janeiro de 1959 a outubro de 1962)*. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1995.

ALBERIGO, G. *História do Concílio Vaticano II*. Vol. I, Petrópolis: Vozes, 1996.

- BELAIT, M. Christianity and Churches on the eve of Vatican II. *Cristianesimo nella Storia* 12 (1991) 165-175.
- BOYER, Charles. O próximo concílio ecumênico, os ortodoxos e os protestantes. *REB* 20 (1960) 648-656.
- BRIGHENTI, A. Perfil pastoral da Igreja que o Papa Francisco sonha. In: SILVA, J. M. (org.). *Papa Francisco*. Perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CAPRILE, Giovanni. Pio XII e un nuovo progetto di concilio ecumenico. *La Civiltà Cattolica* 177 (1966/3) 209-227.
- Carbone, Vincenzo. *Il Concilio Vaticano II: preparazione della Chiesa al terzo millennio*. Città del Vaticano: L'Osservatore Romano, 1998.
- CONFALONIERE, V. *Momenti romani*. Roma, 1979.
- DALE, Romeu. A Igreja católica às vésperas do Concílio. *REB* 21 (1961) 593-600.
- DREYFUS, Paul. *Jean XXIII*. Paris, 1979.
- ENGLISCH, A. *Francisco o papa dos humildes*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.
- ENGLISCH, A. *O homem que não queria ser papa*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.
- FAGGIOLI, M. Reforma da cúria no Vaticano II e depois do Vaticano II. In: TANNER, N. et alii. *Reforma da cúria romana*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FAPPANI, Antonio; MOLINARI, Franco. *G. B. Montini giovane*. Torino: Marietti, 1979.
- FOGLIASSO, Emilio. *Il Concilio ecumênico Vaticano II nella vita Del Santo Padre Giovanni XXIII*. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1962.
- FORTE, B. *Igreja ícone da Trindade*. Breve eclesiologia. São Paulo: Loyola, 1987.
- FOUILLOUX, Étienne. Théologiens romains et Vatican II (1959-1962). *Cristianesimo nella storia* 15 (1994) 373-394.
- HOBBSAWN, E. *A Era dos Extremos*. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- KASPER, W. *Teologia e Chiesa*. Brescia: Queriniana, 1989.

- KOSER, Constantino. A situação do laicato nos albores do Vaticano II. *REB* 22 (1962) 886-904.
- JACOBS, J. Y. M. A. L'aggiornamento est mis en relief. Les vota des évêques néerlandais pour Vatican II. *Cristianesimo nella Storia* 12 (1991) 323-340.
- LABOA, Juan María. Los obispos españoles ante el Vaticano II. *Miscellanea Comillas* 44 (1986) 45-68.
- LIBÂNIO, J. B. *Concílio Vaticano II*. Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005.
- MARTINA, G. Il contesto storico in cui è nata l'idea di un nuovo concilio ecumenico. In: LATOURELLE, René. *Vaticano II: bilancio e prospettive venticinque anni dopo (1962-1987)*. Assisi: Cittadella, 1987.
- MELLONI, Alberto. Questa festiva ricorrenza (25 gennaio 1959). Prodomi e preparazioni del discorso di annuncio del Vaticano II. *Rivista di storia e letteratura religiosa* XXVIII (1992) 607-643.
- MINNERATH, Roland. *Histoire des Conciles*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- MIRANDA, M. F. Francisco: papa e jesuíta. In: PASSOS, J. D.; SOARES, A. M. L. (orgs). *Francisco renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- MIRANDA, M. F. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- MIRANDA, M. F. Uma Igreja em processo de renovação. Concílio Vaticano II: o legado e a tarefa. In: *REB* 286 (2012) 390-391.
- MONTINI, Giovanni Battista. Discorsi scritti sul Concilio 1959-1963. *Quaderni dell'Istituto Paolo VI* 3 (1983) 15-16.
- NICOLINI, Giulio. *Il Cardinale D. Tardini*. Padova: Messagero, 1980.
- NUZZI, G. *Sua Santità*. Le carte segrete di Benedetto XVI. Milano: Chiarelettere, 2012.
- PIQUÉ, E. *Papa Francisco vida e revolução*. São Paulo: Leya, 2014.
- POLITI, M. *Joseph Ratzinger: Crisi di un papato*. Roma/Bari: Laterza, 2011.
- RAHNER, K. *Vaticano II: um avanço de renovação*. São Paulo: Herder, 1966.

- SOUZA, N.; GOMES, E. S. Os papas do Vaticano II e o diálogo com a sociedade contemporânea. In: *Teocomunicação* v. 41/1 (2014) p. 5-27.
- SOUZA, N. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATO, V. (orgs.). *Concílio Vaticano II. Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 17-67.
- SOUZA, N. Vaticano II, preparação e discussões antes da abertura do concílio. In: ABREU, E. H.; SOUZA, N. (orgs.). *Concílio Vaticano II, memória e esperança para os tempos atuais*. São Paulo: Paulinas-Unisal, 2014, p. 69-82.
- Suenens, Léon Joseph. *Ricordi e speranze*. Cinisello Balsamo: Paoline, 1993.
- TORNIELLI, A. *Francisco. A vida e as ideias do papa latino-americano*. São Paulo: Planeta, 2013.
- VAUCHEZ, André et alii. *Histoire du Christianisme: crises et renouveau (de 1958 à nos jours)*. Paris: Desclèe, 2000.
- VAZ, H. Igreja reflexo vs. Igreja fonte. In: *Cadernos Brasileiros* 46 (1968) p. 17-22.

Recebido em: 25/06/2016
Aprovado em: 11/09/2016

Análise da forma literária de Mateus 20,20-28 segundo a teoria de Klaus Berger

Analysis of the literary form
of Matthew 20,20-28 according
to Klaus Berger's theory

Vicente Artuso*
Eliseu Pereira**

Resumo: O artigo apresenta uma análise das formas literárias de Mt 20,20-28, que narra o pedido da mãe dos filhos de Zebedeu e a resposta de Jesus a respeito do servir. Será aplicado o referencial teórico proposto por Klaus Berger, em *As formas literárias do Novo Testamento* (Loyola, 1998). Com a aplicação da análise formal a perícopes é classificada com um gênero abrangente que contém características de texto simbulêutico, epidíctico e dicânico. Mediante um diagrama são identificados os subgêneros, que são categorias menores em níveis diferentes e que aparecem combinados na perícopes. A teoria comunicativa dos gêneros prioriza a relação autor/leitor e releva a importância do ambiente vital como sustentava a tese clássica dos gêneros literários de M. Dibelius e R. Bultmann.

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Professor do Programa de Pós-Graduação de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) Curitiba/PR CEP 80215-901, Brasil. E-mail: vicenteartuso@gmail.com.

** Doutorando em Teologia no Programa de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba/PR CEP 80215-901, Brasil. E-mail: eliseugp@yahoo.com.br.